

UM ARQUITETO PORRETA E SEU SOGRO

Perdemos repentinamente o arquiteto e urbanista José Borelli Neto. Formado pela Universidade Mackenzie em 1973, era um sujeito festeiro e comunicativo, tocava violão, foi participativo em relação às entidades profissionais desde os tempos em que éramos vinculados ao CREA, onde foi conselheiro em diversos mandatos. Foi um dos articuladores da criação do CAU – Conselho de Arquitetura e Urbanismo que nos libertou do CREA. Foi conselheiro do CAU-SP e inclusive seu diretor financeiro.

Ao mesmo tempo, teve uma carreira profissional relevante, sua sociedade no escritório de arquitetura Borelli & Meirigo permitiu que fizesse importantes projetos de arquitetura, como a adaptação do antigo prédio do DETRAN, projeto de Oscar Niemeyer ao lado do Parque Ibirapuera para abrigar o Museu de Arte Contemporânea da USP, o MAC. Projetou grandes hospitais como o do bairro Cidade Tiradentes na capital paulista, a revitalização da Praça Roosevelt (agora ameaçada pela privatização selvagem levada a efeito pelo atual prefeito paulistano), o grande Terminal de Transportes de Maringá, assim como vários aeroportos, inclusive a reforma do Leite Lopes e a UBS central da nossa vizinha Ribeirão Preto. Essa expertise e a qualidade do seu trabalho o levou a projetar inclusive na África. Enfim, um profissional completo que também esteve presente no ensino, foi professor na FAU USP, onde se aposentou.

Borelli, o Tatá, apelido de infância pelo qual era conhecido em Ribeirão Preto nasceu em Bauru, mas na memória do arquiteto ribeirão-pretano e também professor Sant'Anna, desde pequeno ele fazia parte da paisagem local, pois se lembra dele na mesma roda de amigos, no mesmo clube (a Recra), começaram a namorar na mesma época, cursaram o ginásio e o científico no colégio estadual Otoniel Mota e foram para São Paulo estudar Arquitetura e Urbanismo, ele no Mackenzie, Sant'Anna na FAU USP, onde se tornaram professores e se aposentaram lá, mas continuaram a vida acadêmica, um na FAAP e o outro no Mackenzie.

Conheci o Borelli em 1978. Na época, o amigo e colega Mauro de Castro Freitas iniciou um movimento para criar o núcleo regional de Ribeirão Preto do Instituto de Arquitetos do Brasil – IAB, um dos primeiros do interior do estado, onde Franca faria parte. Após uma reunião na sede do IAB à rua Bento Freitas em São Paulo para tratar do assunto, fomos para um bar distante, no Butantã. Lá, sentei-me ao lado de Borelli e conversamos bastante, ele me contando sobre suas atividades, sua ligação com Ribeirão Preto (sua companheira da vida toda Silvia Helena é de lá, filha de um dos fundadores do PT na cidade e professor da USP, Guilherme Simões). Depois a vida nos afastou, cada um com suas atividades profissionais e somente alguns poucos anos atrás nos reencontramos no CAU, apoiei a chapa que ele participou nas últimas eleições. Ficamos de marcar um reencontro para retomar a conversa interrompida 50 anos atrás nalgum boteco, mas sempre adiamos e não aconteceu, estamos na idade em que não se pode deixar nada para amanhã.

Guilherme Simões, sogro do Borelli, é um personagem que merece ser lembrado também, o conheci no início do PT, partido que ajudei a construir em Franca. Nascido numa fazenda de Ribeirão Preto em 1913, formou-se na Faculdade de Farmácia e Odontologia da USP em 1940 e seguiu carreira acadêmica. Envolvido com a política local, em 1961, presidiu a Frente da Legalidade na cidade após a renúncia de Jânio Quadros e em 1963 foi candidato a vice-prefeito pelo PSB (apoiado pelo Partidão que estava na clandestinidade), na mesma chapa do pai do professor Sant'Anna em mais uma dessas coincidências das relações entre os dois arquitetos ribeirão-pretanos.

Segundo a Rede PT, “com ideais socialistas, mas não comunista, Guilherme Simões apoiou um grupo de universitários e secundaristas que lutavam contra a ditadura, instalada no Brasil no golpe de 1964. Ao levar alimentos e roupas ao grupo, numa fazenda de Guataporã, soube que ali era um campo de treinamento da Frente Armada de Libertação Nacional (FALN). Foi preso com os participantes em 19

de outubro de 1969. Sofreu tortura física (choques elétricos) e psicológica (ameaça do uso da “roleta russa”), no quartel de Ribeirão Preto e após 31 dias foi transferido para o Presídio Tiradentes, em São Paulo. Guilherme Simões foi solto em 1971 e absolvido pela Justiça Militar em 1972”. Voltou ao trabalho em universidades e aposentou em 1980, retornando ao movimento político como um dos fundadores e primeiro candidato a prefeito pelo PT de Ribeirão Preto, em 1982, cidade onde veio a falecer em 2007.

Com um sogro porreta desses, o Borelli tem boa companhia agora para altos papos onde estiverem. Mauro Ferreira é arquiteto